



A TRINDADE COMO RELACIONAMENTO MISERICORDIOSO NA RELAÇÃO HUMANA, A PARTIR DE VON BALTHASAR

(The Trinity as a merciful relationship in the human relation, based on Von Balthasar)

André Luiz Bordignon-Meira

Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

RESUMO

A Trindade, centro da nossa fé, manifesta o amor e a misericórdia na história do ser humano e nas suas relações. A Teologia de Hans Urs von Balthasar faz com que se possa mergulhar no amor trinitário, que é extremamente pericorético em perspectiva kenótica. Balthasar tem uma paixão pelo Crucificado, o centro polarizador da sua teologia trinitária, visível na história, através do evento do Mistério Pascal. A paixão de Cristo revela o centro da economia da salvação da Kénosis primordial do Deus Uno e Trino. O relacionamento pericorético da Trindade, na economia salvífica proporciona uma mística amorosa e misericordiosa. O mistério trinitário possibilita fortalecer uma fé, que faz com que as relações humanas sejam perpassadas pelo amor e pela prática da misericórdia. Dessa forma, o relacionamento intratrinitário, compreendido por Balthasar, permite compreender que a esperança de um mundo, com relações baseadas na misericórdia, é possível. A doação pericorética do Deus Trinitário é a condição que possibilita e torna possível aos seres humanos um relacionamento misericordioso.

Palavras-chave: Trindade; Pericórese; Misericórdia; Balthasar.

ABSTRACT

Trinity, the center of our Faith, manifests love and mercy in human being's history and relations. Hans Urs von Balthasar's theology allows a plunge into Trinitarian love, extremely perichoretic, in a kenotic perspective. Balthasar is passionate about the Crucified, the polarizer center of his Trinitarian Theology, visible in history through the Paschal Mystery event. The Passion of Christ reveals the center of salvation economy in the primary Kenosis of triune God. The perichoretic relationship of Trinity in salvific economy permits a loving and merciful mystic. Trinitarian mystery allows a strengthening of faith, turning human relations disseminated by love and merciful practice. As a result, intra-Trinitarian relationship, as understood by Balthasar consents to understanding the hope in the possibility of a world with relationships based in mercy. Perichoretic donation of Trinitarian God is the condition to allows and make it possible merciful relationships to human beings.

Keywords: Trinity; Perichoresis; Mercy; Balthasar.

INTRODUÇÃO

A Trindade, centro da nossa fé, que se revela em direção ao drama da vida humana, manifesta o amor e a misericórdia na história do ser humano e nas suas relações. A Teologia de Hans Urs von Balthasar permite mergulhar no amor trinitário, pericorético, em perspectiva



kenótica. A Teologia da Trindade tem sua enunciação dogmática sistematizada a partir das formulações batismais usadas nas liturgias das primeiras comunidades e também nas apologias contra as heresias emergentes do interior da Igreja nos dois primeiros séculos, a partir das Escrituras.

A formulação do dogma trinitária oferece elementos fundamentais para compreendermos a perspectiva trinitária de Balthasar que, comunhão pericorética e kenótica, apresenta a riqueza da manifestação misericordiosa do amor de Deus na história da salvação e para as relações do ser humano em nossa sociedade pós-moderna. O período patrístico oferece, em especial, nos primeiros séculos, importantes argumentações pastorais e de defesa filosófica da fé, que posteriormente serviram para as formulações dogmáticas e desenvolvimento da sistematização teológica.

Neste estudo, se percebe com os Padres Capadócios, que estes desenvolvem formulações significativas em defesa da fé, a partir das Sagradas Escrituras; Agostinho, que permitirá compreender essa relação amorosa e Ricardo de São Vitor, que prossegue afirmando a Trindade como fundamento e centro da fé, no amor do Deus Trino, para as relações humanas. O qual Balthasar fundamenta na perspectiva intratrinitária e kenótica e de sua contribuição ao ser humano nas suas relações, realizar uma apresentação sistemática da formulação teológica dos Padres da Igreja, em três momentos diferentes, mas com contribuições valiosas para a nossa compreensão.

1. CONTRIBUIÇÃO BÍBLICA DOS PADRES DA IGREJA, SOBRE A TRINDADE PERICORÉTICA E A MISERICÓRDIA

Os Padres Capadócios distinguem as Pessoas divinas em suas características individuais de paternidade, filiação e processão. Assim, a separação de cada uma das Pessoas contribui para a unidade divina, em um Deus único (substância) e com três realidades concretas (Pessoas). Os seus escritos e formulações partem totalmente das Escrituras, especialmente do Novo Testamento e de uma linguagem adequada a seu tempo.

O destaque a Gregório de Nissa, na sua formulação, nos ajudará a compreender o pensamento trinitário de Balthasar. A partir de uma exegese adequada dos Textos Sagrados, Gregório de Nissa interpreta a criação da sabedoria na kénosis do Filho, aprofundando a *communicatio idiomatum*, através da qual Balthasar parte para esboçar a imagem do Deus Trino. Afirma Gregório de Nissa as relações eternas e recíprocas do Pai, origem do Filho, que é a imagem do Pai se doando no Espírito Santo, que é a glória eterna.¹

Apesar de as Pessoas distintas serem inseparáveis nas relações recíprocas, a Trindade imanente e econômica livremente e se doam no seu amor absoluto. pensamento da cruz e da glória não se anula, mas se inter-relaciona e a encarnação tem como centro a morte e ressurreição de Cristo e o mistério pascal, fundamento para a kénosis trinitária. O pensamento de Nissa, da reflexão trinitária unida à cristologia e sua espiritualidade, permitirá a defesa da fé contra as heresias arianas, as formulações doutrinárias e também os fundamentos para teologia balthasariana.

¹Cf. LADARIA, L. *O Deus vivo e verdadeiro: O mistério da Trindade*. p. 182.



O princípio teológico trinitário apresentado por Agostinho nos permite compreender a misericórdia como relação possível para o ser humano em suas relações sociais, uma vez que nas três Pessoas há aquele que ama (Pai), o que é amado (Filho) e o amor (Espírito Santo). O amor trinitário exige uma reciprocidade intrínseca. Agostinho demonstra que o ser da pessoa humana analisado e transformado em sua interioridade, permite um relacionamento social embasado no princípio fundamental de uma relação amorosa.² O anúncio de Jesus, deixado aos seus discípulos, fará com que vivam e anunciem ao mundo o Deus Trindade pela prática fraterna da misericórdia no amor.

Ricardo de São Vitor inspira-se, sobretudo, em Agostinho, a partir da definição joanina de Deus como amor na experiência humana (1Jo 1,1ss). A prova do amor perfeito consiste em desejar que o amor perfeito da Trindade, de cada uma das Pessoas entre si, do Amado (Pai), que ama (o amor/ Espírito Santo), o amante (Filho), manifestado na história humana, faça com que as pessoas realizem entre si essa relação num convívio de amor e misericórdia. Ricardo propõe a uma experiência fenomenológica do amor, de grande significado, no evento pascal de Cristo.³

A palavra misericórdia também é destacada pelos Padres da Igreja nas suas catequeses e homilias, principalmente sobre a bem-aventurança da misericórdia. A exortação é em relação ao modo como as pessoas agem e assim, recebam a misericórdia divina, como consequência da prática da misericórdia terrena entre as próprias pessoas. O Senhor espera que as pessoas se relacionem pela prática da misericórdia.

A compreensão da Trindade para um relacionamento misericordioso entre as pessoas passa pelo termo *pericórese*. Este termo aplicado à teologia trinitária, expressa a recíproca compenetração das três Pessoas (ou, em latim, *circuminessio*). princípio, utiliza-se o termo *pericórese* em âmbito cristológico, para a unificação das duas naturezas do Cristo. Gregório de Nissa irá aplicar tal conceito para as Pessoas da Trindade, penetrando-se mutuamente, habitantes numa e na outra única substância, mas que será utilizado pela primeira vez por Gregório de Nazianzeno.

São João Damasceno irá utilizar na Teologia Ocidental, o termo *pericórese*, que na versão latina passou-se as expressões *circuminessio*, claramente a ideia de compenetração ativa e mais tarde *circuminessio*, para a ideia de estar ou de inexistir *passivo*. A concepção grega é mais ampla do que a dos latinos, uma vez que acentua a compenetração mútua das três Pessoas divinas, salvaguardando a unicidade da substância divina

Assim a *pericórese* trinitária entende-se pela mútua compenetração e inabitação das três Pessoas Divinas entre si. As Pessoas divinas, em sentido *pericórese*, formam por si mesmas sua unidade no círculo eterno da vida divina e do amor recíproco e relacional de cada uma das Pessoas da Trindade, uma pela outra, e também para o desenvolvimento na relação entre Deus e o homem, da comunhão eclesial e social.

A palavra misericórdia tem origem no termo bíblico *hesed*, no Antigo Testamento, e *eleos* no Novo Testamento. A palavra misericórdia é utilizada muitas vezes de modo amplo, mas no uso bíblico necessita de uma composição da palavra *hesed*, que significa a firmeza e a finalidade para a realização de uma ação, juntamente com a palavra ao fim que esta ação é

²Cf. CODA, P. *La Trinitá*. p. 401.

³Cf. *Ibid.*, p. 402.



destinada.⁴O uso de *hesedé* comumente utilizado com *emet* que significa “firmeza”, “resolução”, “fidelidade”,⁵ e associado à qualidade que torna a pessoa confiável de dignidade. A palavra *hesed* evoca o que alguém pode fazer pelo outro, tanto Deus (Gn 24,12), quanto o homem (Gn 40,14) e exemplos dessa conceituação são claros na história de José do Egito, Ló em Sodoma e de Abner com a casa de Saul. Nestes exemplos, fica evidente que se realiza a *hesed-emet*, não pela obrigação de se fazer, mas de modo generoso, hospitaleiro, de relação humana.⁶

O uso de *hesed* com *mishpat* implica a justiça divina para a humanidade, associada com a palavra *y'shúa* a vontade do rei, como juiz, de salvar. A união com a palavra *rah'min* significa um sentimento ligado ao ventre materno, especialmente, com aqueles que sofrem indefesos, como as crianças, um sentimento atribuído a Deus em relação com seu povo Israel, na Aliança veterotestamentária. Assim, podemos compreendê-la como atributo para a prática do perdão, necessário na relação de convívio entre as pessoas.

No Novo Testamento, Jesus aplica o texto de Os 6,6 a esse dever que se deve ter em relação aos pecadores, significando o modelo de *eleos*, apontando, juntamente para a justiça e a fidelidade da Lei (Mt 9,13). A profundidade para demonstrar o que se pode esperar de Deus em relação ao próximo, está na parábola do Bom Samaritano em que o *eleos* é a oferta de assistência com amor a quem necessita, e do rei que tem a disposição de perdoar o empregado cruel (Mt 18,33).

A misericórdia é para muitos, uma palavra difícil e tida como um sinônimo de debilidade. Contudo, resgatando o seu significado e uma experiência de profunda compaixão humana por quem sofre, é possível compreender a importância desse termo. Assim, misericórdia não é sinônimo de um sentimento de compaixão e, observando no latim, podemos ver como estes dois termos linguísticos se sobrepõem:

A palavra latina misericórdia, no seu significado original, quer dizer ter o coração (*cors*) com os pobres (*miseri*), sentir afeto pelos pobres. Também o termo alemão *Barmherzigkeit* aponta nesta direção. Significa ter um coração compassivo. Neste sentido humano geral, a misericórdia denota atitude de quem transcende o egoísmo e o egocentrismo e não tem o coração centrado em si mesmo, mas centrado nos outros, em especial nos pobres e afligidos por todo tipo de misérias. Transcender-se a si mesmo até os outros, esquecendo-se assim da sua pessoa, não é debilidade, mas fortaleza. Nisso consiste a verdadeira liberdade.⁷

O desenvolvimento da misericórdia, no Cristianismo pelos Padres da Igreja, não se trata de um assistencialismo, mas antes de tudo uma participação na misericórdia divina de modo concreto, se relacionado com as outras pessoas em suas diversas necessidades.⁸Santo Agostino utiliza a misericórdia para significar a prática cristã com os pobres e aflitos no sentido amplo da palavra, e a compaixão não só semelhante à misericórdia no sentimento suscitado do sofrimento do outro, ou de atitude afetiva.

⁴Cf. KASPER, W. *Misericórdia*. p. 60.

⁵Cf. DICIONÁRIO BÍBLICO, p. 616.

⁶Cf. *Ibid.*, p. 617.

⁷ KASPER, W. *Misericórdia*, p. 36.

⁸Cf. *Ibid.*, p. 38.



Assim, é possível compreender a relação da compaixão e misericórdia divina na sua relação com a Kénosis, de Deus que não pode ser misericordioso de modo passivo e de fora do sofrimento humano. No seu livro das Confissões, Agostinho inscreveu a regra de ouro no coração do ser humano, para a prática da misericórdia com obras espirituais e corporais, proferido por Jesus no Sermão da Montanha, e por conseguinte, ao mandamento do amor para todos, inclusive aos inimigos.

A misericórdia, na patrística é apresentada para formular a conduta cristã, o homem identifica-se com o seu coração e com o seu amor. Assim o homem para olhar a si mesmo, deve olhar para dentro de si com a luz de Deus, com a sua misericórdia, e a miséria como sofrimento próprio e a misericórdia como sofrimento pelo outro.

Olhando para a cena de Jesus na cruz com o ladrão a seu lado, a quem prometeu: Hoje estarás comigo no paraíso.....O Senhor enquanto ele dizia: Lembra –te de mim; mas quando? Estiveres no teu reino, logo lhe respondeu: Prometo-te que hoje estarás comigo no paraíso. A misericórdia concedeu o que a miséria diferia.⁹

A palavra misericórdia sublinha a fidelidade de Deus por cada pessoa, e traduz a pela prática do amor ou a fidelidade do amor de Deus pela humanidade, celebrada expressamente nas orações israelitas (Sl 117).¹⁰ A misericórdia, ao invadir o coração do ser humano, faz com que perceba Deus nele e saia de si mesmo, aproximando-se de Deus, dos outros e do seu próprio mistério. A misericórdia torna-se um dos caminhos que Deus utiliza para se aproximar dos seres humanos, e por ela o ser humano, aprende a sentir-se unido ao outro, por vínculos de misericórdia, que também recebeu de Deus.

A misericórdia é, para Agostinho, uma das maiores mediações que permite o ser humano a conhecer a si mesmo, o mistério da própria humanidade que o liga aos seus semelhantes e o une a Deus. A compaixão adquire por isso também uma valência antropológica.¹¹

2. A CONTRIBUIÇÃO DA TEOLOGIA INTRATRINITÁRIA DE BALTHASAR PARA A MISERICÓRDIA NAS RELAÇÕES DAS PESSOAS

O teólogo e místico Hans Urs von Balthasar, ao apresentar sua teologia trinitária, tem como centro a kénosis, e compreende a kénosis primordial no Evento Cristo como a presença trinitária na vida humana.¹² A kénosis trinitária é a presença de Deus, no seu amor e misericórdia no mundo. A humanidade é convidada a ir ao encontro de Deus, que em sua descida vem primeiro ao encontro das pessoas, que passam a realizar o mesmo movimento em relação aos outros.

A relação se dá no que ele chama de Teodramática, em que Deus, na Pessoa do seu Filho Jesus na Cruz, revela-se na história da humanidade e participa dos dramas da existência

⁹ AGOSTINHO, Sto. *Confissões*. p. 43.

¹⁰Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. As parábolas da misericórdia. p. 16.

¹¹Cf. *Ibid.*, p. 18.

¹²Cf. BALTHASAR, H.U. Von. *Misterium Paschale*. p. 8.



humana, principalmente do sofrimento e da dor... Expressa a liberdade de Deus manifestada, pela obediência do seu Filho, mesmo no sofrimento e na dor, não como valorização desta, mas como a outra face do amor e da misericórdia absoluta.

A Trindade Econômica revela a Trindade Imanente, que realiza kénosis primordial pelo Filho e o Espírito Santo, acontecendo o movimento do Pai que comunica a glória, na Cruz.¹³ O que impulsiona esse movimento de salvar o pecador é o amor e a misericórdia do Pai. Balthasar apresentará o evento Cristo como a descida e não subida de Deus, a kénosis econômica, que tem como caminho o céu ao presépio e do presépio ao calvário.

Para Balthasar, o drama do mundo é assumido pelo drama de Deus, permite a compreensão da importância da teologia intratrinitária para uma alternativa de contribuição para a manifestação da solidariedade e da misericórdia de Deus para o mundo.¹⁴ A teologia moderna e contemporânea enriquece e contribui efetivamente para compreender a profundidade da teologia trinitária numa prática na economia humana e nas suas relações, mostrando o caminho de uma dedicação e o cuidado para relações baseadas no amor e na misericórdia.

O mal e o pecado manifestados na violência e situações de corrupção, sempre são possibilidades de ferir a sociedade humana e questionam várias ciências, inclusive a teologia.¹⁵ O ser humano que crê, pode contribuir muito para uma experiência de amor e misericórdia e mostrar que a convivência pacífica supera estes males, e é a resposta de Deus-Trino, kenótico e pericorético, transformando os dramas humanos em esperança. O tríduo pascal, refletido por Balthasar em sua teologia trinitária aponta que o ser humano pode ter esta relação com os outros, a partir do Deus que se encarnou, se fez obediente pelo Filho, na Cruz e no amor, pelo Espírito Santo ofereceu a esperança da ressurreição diante de todos os males.¹⁶

Balthasar busca uma nova imagem do Deus Uno e Trino a partir do Crucificado, a relação pericorética *ad intra* sendo totalmente kenótica, no esvaziamento eterno da Trindade, conjugando a Pessoa do Pai ao mesmo tempo do Filho e a do Espírito Santo. Na sua obra *Misterium Paschale* é nítido que a encarnação do Filho é o ápice da Kénosis trinitária, presente na teologia da Trindade. O hino paulino dos Filipenses é aplicado também às demais Pessoas da Trindade como caminho teológico para adentrar no mistério trinitário, a partir da contemplação do Cristo crucificado. A forma do esvaziamento de Si, do Cristo, que existia na forma divina, e sendo planejada a primeira Kénosis, também se planeja a segunda, para que os seres humanos possam alcançar a condição divina, para diante das suas relações realizarem um diálogo misericordioso.¹⁷

A encarnação possibilita uma da forma de relacionamento, sendo a Kénosis não um auto aniquilamento, e sim um assumir divino das nossas limitações. Para isso, compartilha e sofre os dramas da existência humana, proporcionando um relacionamento intrínseco entre Deus e a humanidade. Na cruz, chega ao seu ápice no sofrimento de Deus, compartilhando e relacionando-se com a dor humana, pela maneira que Deus escolheu para se manifestar, como

¹³Cf. *Ibid.*, p. 9.

¹⁴Cf. *Ibid.*, p. 10.

¹⁵Cf. *Ibid.*, p. 11.

¹⁶Cf. *Ibid.*, p. 15.

¹⁷Cf. *Ibid.*, p. 16.



Deus aos seres humanos e para se definir como Deus, na forma mais radical, no perdão, na misericórdia e na solidariedade. A encarnação do Filho é o amor do Pai que sofre, manifestando pela sua liberdade divina e obediência, o amor filial e eterno para com o Pai.

A encarnação forma o *imago trinitas*, que é a maneira da resposta livre do Pai na dramática humana, na sua autocomunicação na história, cujo o fruto é o Espírito Santo e acontece na Trindade Econômica Imanente, no movimento da kénosis primordial. Na glória da cruz, não se manifesta somente a dor, mas a misericórdia da Trindade, como face do seu amor absoluto pelo ser humano. Balthasar apresenta a dinamicidade do amor misericordioso que transborda da relação pericorética das Pessoas da Trindade, na cruz do Filho, que se esvazia totalmente de Si mesmo. Trata-se de uma relação de amor do Pai e do Filho que se torna uma doação de amor e misericórdia por toda a humanidade. O ser humano aprende da vida *ad intra* da Trindade na sua relação *ad extra* na história da salvação, a realizar o mesmo processo de doar-se pelo outro, numa manifestação de relação amorosa e misericordiosa.

A kénosis trinitária que Balthasar apresenta em suas obras, revela um amor e uma misericórdia, que brotam da liberdade divina, que procuram manifestar um relacionamento histórico com o ser humano, à maneira de sua relação pericorética imanente. A misericórdia que brota do coração kenótico do Deus Trindade afeta diretamente a humanidade, chamada a esvaziar de si para oferecer à outra pessoa uma relação pautada nas práticas de misericórdia. A encarnação de Jesus é o gesto da vontade do Pai, no seu esvaziamento e doação de Si, para mostrar o ser humano sua fonte inesgotável de amor e misericórdia. O caminho para o ser humano fica delineado ao sempre fazer das atitudes um esvaziar-se, para também descer ao encontro do seu próximo.

O olhar para o crucificado e ver a beleza de Deus é a maneira que Balthasar realiza para mostrar como a humilhação, aniquilamento e o abandono de Jesus pelo ser humano, expressa o mais profundo amor do Pai. A plenitude desse amor que é demonstração de misericórdia deve continuar até os nossos dias, através do Espírito Santo, a criar no mundo a esperança realizadora da misericórdia exercida em favor de uma pessoa para com a outra. Deus que na sua doação de Si mesmo para a humanidade, não se cansa de mostrar a sua infinita misericórdia para com toda humanidade. A encarnação mostra o trajeto que Deus iniciou de declarar seu amor e a sal misericórdia que culminou no alto da cruz de Jesus.¹⁸

A teologia de Balthasar apresenta uma solidez para a contribuição da teologia aos desafios que exigem diálogos entre as pessoas, para gerar um relacionamento misericordioso, que, sem a mística da kénosis, torna-se um sinal de desesperança. A cruz não compreende uma visão pessimista da fé, mas ao contrário, o desabrochar de uma vivência que motiva o cristão a se apaixonar pelo escândalo da cruz, não de modo adocicado, mas fiel a Cristo e capaz de recuperar a capacidade criativa de relacionamento, principalmente com aqueles com quem ninguém deseja relacionar-se. A paixão pela cruz é o centro revelador para perceber a esperança na manifestação eterna do esvaziamento amoroso como imagem do Deus Trino.

O pensamento do teólogo suíço devolve aos dramas humanos a perspectiva de um diálogo que Deus inicia com a humanidade na sua kénosis primordial. As Escrituras e a Tradição da Igreja demonstram que a revelação de Deus não é somente para um objeto de contemplação, mas

¹⁸Cf. *Ibid.*, p. 16.



uma ação no teatro do mundo, por Deus atuando desde a encarnação, cruz e ressurreição.¹⁹ A entrega amorosa de Deus não é um monólogo e sim um diálogo com uma entrega amorosa, que deve ser o caminho para o diálogo entre as pessoas. A doutrina da cruz é a condição e a possibilidade diálogo no teodrama do mundo e da esperança universal do relacionamento da humanidade.

A autodoação do Pai é o início de uma conversa amorosa na resposta de obediência do Filho, em seu caráter de amor absoluto pelo Espírito Santo. No dicionário do relacionamento da Trindade o amor, a compaixão, a liberdade, a obediência manifestam ao mundo a possibilidade de um relacionamento que mude a situação de pecado que faz este relacionamento das pessoas entre Deus e si mesmas não acontecer. Deus não necessita mudar a sua manifestação de amor e misericórdia para se relacionar na história humana, o ser humano pode realizar este caminho de relacionamento na perspectiva desse Deus que se revela inteiramente amor na sua autodoação.

CONCLUSÃO

A Teodramática de Balthasar, apresenta o caráter dramático que a sociedade encontra nas suas relações. A figura de Deus que se revela crucificado, coloca-nos diante da manifestação extrema da misericórdia desse Deus kenótico e onipotente. A resposta da Teologia Trinitária mostra como Deus entrou nas relações humanas, possibilitando ao ser humano realizar relações amorosas e misericordiosas.

Jesus, como o rosto do amor e a misericórdia do Pai, faz-nos contemplar o mistério da Trindade e da misericórdia no enfrentamento ao grande drama do palco humano, nas suas relações de um para com o outro. A misericórdia revela a Trindade e o ato último de Deus, que participa das relações humanas. A misericórdia como manifestação da Trindade nas relações humanas possibilita o caminho para o ser humano superar suas limitações.

Portanto, Balthasar coloca-nos diante do amor de Deus como uma manifestação da sua misericórdia e solidariedade manifesta na história humana. O próprio Deus, ao fazer-se impotente, no seu rebaixamento, torna capaz de reverter absolutamente a nossa própria imagem Dele, e assim nossas relações com o outro. A grande manifestação de Deus, na sua kénosis trinitária, permite um caminho possível e compreensível para um mundo de diálogo amoroso e misericordioso.

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, Santo. Confissões. São Paulo: Paulus, 2015.

BALTHASAR, Adone. Atuação missionária jesuítica na América portuguesa: a peculiar via renascentista, sacramental e tridentina à salvação do(s) Novo(s) Mundo(s). Revista História, v. 32, p.19-48, set. 2011.

BALTHASAR, Hans Urs Von. O cristão na hora decisiva. São Paulo: Paulinas, 1969.

BALTHASAR, Hans Urs Von; RATZINGER, Joseph. Maria primeira Igreja. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2004.

¹⁹Cf. *Ibid.*, p. 40.



- BALTHASAR, Hans Urs Von. *Misterium Paschale*. San Francisco: Ignatius, 2005.
- _____. *Teodramática*, v.1: Verdade de Deus. Madri: Encuentros, 2006.
- _____. *Teodramática*, v.2: Las personas del drama: El hombre en Dios. Madri: Encuentros, 2006.
- _____. *Teodramática*, v.3: Las personas del drama: El hombre en Cristo. Madri: Encuentros, 2006 .
- _____. *Só o amor é digno de fé*. Lisboa: Teofanias, 2008.
- BERGOGLIO, Jorge Mário. *Mente aberta, coração que crê*. São Paulo: AveMaria, 2013. 304 p
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- CODA, Piero. *La Trinitá: Quando Il racconto di Dio diventa Il racconto dell'uomo*. Venezia: Marcianum Press, 2012.
- CONSELHO PONTIFÍCIO PARA EVANGELIZAÇÃO. *As parábolas da misericórdia*. São Paulo: Paulus 2015.
- DICIONÁRIO BÍBLICO. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.
- DICIONÁRIO DE TEOLOGIA BÍBLICA. Barcelona: Editorial Herder, 1968.
- KASPER, Walter. *Misericórdia*. São Paulo: Loyola, 2015
- LADARIA, Luis F. *O Deus vivo e verdadeiro: O mistério da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005.
- LADARIA, Luis F. *A Trindade. Mistério de Comunhão*. São Paulo: Loyola, 2009.

Recebido em: 04/11/2016
Aprovado em: 03/06/2017